

PINTO, João Alberto da Costa. (Org.). **Intelectuais dissidentes na revolução russa (1917-1938)**.
Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2018. (Ebook: 336 p.)
link para download: http://cegraf.ufg.br/up/688/o/ebook_intelectuais.pdf

APRESENTAÇÃO

“A História só poderá ser científica quando conseguir explicar o que não aconteceu e por que não aconteceu”.
(João Bernardo)¹

JOÃO ALBERTO DA COSTA PINTO*



Este livro resulta de trabalhos apresentados pelos autores em eventos realizados no ano de 2017 dedicados ao tema do Centenário da Revolução Russa. O assunto geral do livro é o processo histórico da Revolução Russa submetido ao recorte cronológico de 1917 a 1938. A perspectiva dos autores sobre a historicidade do processo da revolução não é a mesma, mas há em todos os capítulos a apresentação e o desenvolvimento analítico de uma questão-chave: as trajetórias

politicamente derrotadas de alguns intelectuais dissidentes no campo do bolchevismo histórico que se estruturou no período em questão como uma experiência institucional de Capitalismo de Estado. Esse é o eixo geral que o leitor encontrará neste livro.

O livro foi pensado como uma proposta encaminhada aos cinco jovens autores que trabalham comigo no âmbito institucional dos seus doutoramentos junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Propus o desafio de escrevermos o livro frente ao contexto das comemorações do centenário da Revolução Russa (2017) e que com isso resgatássemos trajetórias intelectuais diretamente envolvidas com os fatos da revolução, mas que foram tragadas pelas contradições do processo histórico, com algumas delas desaparecidas naquelas conjunturas e ainda não recuperadas até hoje. O leitor sabe que nomes como os de Nicolai Bukharin, Alexandra Kollontai e Victor Serge estão associados à Revolução Russa, mas pouco sabe do seu pensamento político e das suas trajetórias em particular, das labirínticas contradições políticas que

cada um desses personagens enfrentou no curso dos acontecimentos. E sabe menos ainda quem foram Nicolai Kondratiev, Alexander Bogdanov, Jan Wacław Makhaiski e Andrei Platónov. Este livro fala desses personagens dissidentes e derrotados pela revolução, personagens envolvidos com o processo revolucionário conduzido como uma aposta social-transformadora pelo governo bolchevique e que logo se mostrou como uma colossal derrota das perspectivas socialistas. Em cada capítulo, o leitor, além da circunstância institucional das trajetórias, encontra também rigorosas análises da obra e perspectivas políticas de cada autor-personagem. O Capitalismo de Estado de Lênin e Stálin enterrou as esperanças e as grandes apostas social-transformadoras que cada um desses personagens mobilizou socialmente com as suas intervenções intelectuais e ação política. É sabido que, com a ascensão dos bolcheviques ao poder em Outubro de 1917, um universo expressivo de intelectuais sofreu dura censura ideológica e centenas deles foram logo deportados pelo governo revolucionário para a Turquia e França. Intelectuais de grande destaque como o filósofo Nicolai Berdiaiev e o escritor Ivan Bunin representavam um tipo de intelectual que desde sempre manifestava radical oposição a qualquer perspectiva ideológica socialista, fosse ela bolchevique ou não. Eram intelectuais conservadores que no limite extremo expressavam, com suas práticas, uma concepção de mundo fortemente reativa a qualquer situação de transformação social. Com a eficientíssima e sempre impiedosa logística repressiva dos *tchekistas*,² os bolcheviques muito rapidamente prenderam e expulsaram os maiores signatários desse campo ideológico.³ Mas este livro não trata de intelectuais opositoristas do campo

conservador, muito ao contrário. Este livro trata de trajetórias que estiveram ao lado da Revolução Russa desde os primeiros momentos dos levantes dos trabalhadores nas jornadas de Fevereiro/Março, quando a monarquia czarista renunciou definitivamente aos seus 304 anos de comando do Império Russo, e também ao lado do processo político que levou os bolcheviques ao poder após o golpe de Estado de 25 de Outubro de 1917. Este livro trata de personagens envolvidos com a revolução bolchevique que, no entanto, foram tragados pelas contradições da revolução. Este é um livro sobre a derrota política do intelectual dissidente na Revolução Russa. E nesse sentido trata-se de uma valorosa contribuição historiográfica ao debate sobre os significados político-institucionais dos intelectuais em situações e processos revolucionários. A inserção analítica do livro dá-se no campo da História Social dos Intelectuais e/ou História Social das Ideias e propõe uma perspectiva historiográfica crítica aos grandes cânones da ortodoxia historiográfica exegética do triunfo leninista-stalinista da revolução. Sob perspectivas marxistas críticas, os autores deste livro asseveram, com as particularidades dos seus textos, a necessidade de se resgatar permanentemente os atores derrotados da revolução que não se resumiram ao universo social do antigo regime czarista, mas os intelectuais e os trabalhadores que se atreveram, sob o escrutínio da imaginação histórica, em apostar noutras práticas institucionais para além do Capitalismo de Estado bolchevique. Trabalhadores (junto aos Comitês de Fábrica) e intelectuais dissidentes que, ao apostarem no realismo utópico da revolução social-transformadora, foram derrotados pelo realismo pragmático dos gestores-tecnocratas que definiram como

“revolução russa” o triunfo nacional-corporativista do Capitalismo de Estado.

No primeiro capítulo, Danúbia Mendes Abadia desenvolve um estudo sobre a trajetória política e intelectual de Alexandra Kollontai, militante bolchevique de primeira hora que logo se pôs na oposição às diretrizes políticas do Partido Bolchevique no poder. Feminista e uma das principais protagonistas do Grupo Oposição Operária, Kollontai, com a sua militância e trabalho intelectual, apresentou ao processo revolucionário um espectro bastante amplo de reformas para a condução descentralizada da produção. Kollontai, que fora Comissária do Bem-Estar Social e apoiadora política das teses e diretrizes programáticas de Lênin, em pouco tempo passou para a Oposição Operária, como uma resistência interna do Partido Bolchevique, apresentando-se contra a crescente burocratização e centralização da gestão da produção. Foi expulsa do partido logo após o 10º Congresso do Partido Bolchevique (em 1921), mas em 1930 tornou-se um quadro da burocracia stalinista, quando assumiu até o final da sua vida (1952) funções como embaixadora da URSS em alguns países europeus. Danúbia Mendes Abadia apresenta ao leitor uma Alexandra Kollontai em dramática trajetória marcada por inúmeras contradições e derrotas políticas.

Tales dos Santos Pinto dedica o seu capítulo à trajetória de Alexander Bogdanov, demarcando-a especialmente quando da organização do movimento Proletkult (1917-1923), expressiva experiência institucional de práticas autogestionárias para a formação cultural e política de novos intelectuais oriundos do proletariado. O Proletkult (Cultura Proletária) teve em torno de si mais participantes que o Partido Comunista bolchevique tinha como

filiados. Foi uma experiência de cultura proletária radical, pelas práticas do experimentalismo da imaginação revolucionária. Do movimento Proletkult, amplamente inspirado nas concepções filosófico-políticas do Empiriomonismo e/ou da Tectologia de Bogdanov, se definiu, por exemplo, a visão de mundo do cinema de Sergei Eisenstein. Naquele que é o seu melhor filme, *A Greve* (1924), encontra-se um marco do legado estético do movimento Proletkult. Neste capítulo está apresentado um dos grandes dissidentes derrotados da Revolução Russa. Bogdanov, que tinha sido a figura cimeira do Partido Bolchevique até 1908, quando Lênin por meio de manobras insidiosas o expulsou do partido, formulou uma obra de grande repercussão teórica e política nas décadas de 1910 e 1920. Cem anos depois de 1917, ainda é personagem esquecido entre os russos e pouco conhecido no mundo. O capítulo de Tales dos Santos Pinto contribui decisivamente para o resgate desse fundamental intelectual que, como médico de formação e dirigindo em Moscou o primeiro Hospital de Hematologia do mundo, acabou por se suicidar em 1928.

Antônio Gonçalves da Rocha Filho apresenta um estudo sobre outro ilustre desconhecido da Revolução, mas que é reputado como um dos mais importantes pensadores da teoria econômica do século XX: Nicolai Kondratiev. Tal como acontece com Alexander Bogdanov, também são raríssimos os estudos sobre a trajetória histórico-institucional de Nicolai Kondratiev. Conhecido pela sua teoria dos Ciclos Econômicos Longos (que teve recepção e interlocução no Brasil com o pensamento econômico de Ignácio Rangel, entre outros), muito bem apresentada por Antônio Gonçalves, a

trajetória de Kondratiev é aqui analisada sob perspectiva histórico-institucional, aliás, o mesmo acontece em todos os capítulos do livro, conseguindo assim o leitor perceber o quão era complexo o debate teórico no interior do Estado bolchevique e verificar como o reformismo (gradualismo agrarista) de Kondratiev, em polêmica tanto com Trotski e depois com a tecnocracia stalinista, se viu politicamente derrotado (era um quadro tecnocrático junto ao Comitê Central de Planejamento – GOSPLAN) e afastado das suas funções em 1928, sendo preso em 1930 e executado em 1938.

Nicolai Bukharin foi um dos grandes chefes do bolchevismo histórico. Teve um protagonismo no interior da tecnocracia do Estado bolchevique que os demais personagens estudados neste livro não apresentaram. O capítulo de Alexandre de Paula Meirelles descreve não só esse protagonismo institucional como desenvolve sistemática análise sobre os principais aspectos da sua obra, que envolvia assuntos tanto de ordem revisionista para a teoria marxista como de fundamentação programática na teoria econômica do imperialismo. Bukharin também foi um derrotado, mas a natureza da sua derrota e da sua dissidência se apresentou como a de um gestor-tecnocrata que perde o comando interno do controle institucional da revolução que defendia com a Nova Política Econômica – NEP – desde as suas origens em 1921, quando venceu a perspectiva de Trotski, que defendia um programa de industrialização em larga escala já naquela data, e depois derrotado em 1928 por Stálin, quando este se utiliza de perspectiva gestão global da economia similar à apontada em 1921 por Trotski na organização do Primeiro Plano Quinquenal. Nicolai Bukharin, tal como Kondratiev, com quem tinha

proximidade, também foi executado nos expurgos de Stálin de 1938.

No quinto capítulo, André Vargas descreve a trajetória de Victor Serge, personagem emblemático da Revolução Russa não só nas suas ambiguidades e contradições políticas (foi um anarquista que se colocou ao lado dos bolcheviques e que chegou a ser quadro dirigente da Internacional Comunista – junto com Zinoviev, de 1919 a 1923 – e depois rechaçado pelo stalinismo por causa do seu vínculo com a Oposição de Esquerda liderada por Trotski), mas por ter sido um notável cronista-analista do cotidiano intelectual da revolução em livros que são permanente referência historiográfica para os estudos da Revolução Russa. Neste capítulo o leitor encontrará uma sistemática e cuidadosa descrição analítica do percurso de formação do militante anarquista nas suas experiências políticas na Espanha e França que chegou a Petrogrado em 1919, para logo se destacar junto ao alto comando bolchevique, até ser expulso do Partido Comunista bolchevique em 1928, romper com o trotskismo em 1936 e morrer como exilado na Cidade do México no ano de 1947. Victor Serge, com os seus trabalhos historiográficos sobre a Revolução Russa, expressou as consciências possíveis das dissidências e dos derrotados políticos que se viram destruídos como “oposicionistas” ao governo bolchevique, quando ainda estavam inseridos no processo revolucionário.

No sexto e último capítulo trago uma sucinta descrição factual do processo histórico da Revolução num corte temporal que se inicia em Fevereiro de 1917 e vai até os resultados do Segundo Plano Quinquenal, em 1937-1938. Ao contrário dos demais, este capítulo não apresenta um estudo verticalizado à trajetória de um personagem, mas

procura dar sentido explicativo ao personagem maior da Revolução Russa: os Comitês de Fábrica como o agente institucional revolucionário que, por intermédio das práticas autogestionárias dos trabalhadores russos, apontava um destino contundente para a construção da revolução comunista já a partir de Fevereiro de 1917 e que teve em Lênin e nos bolcheviques após o Golpe de Estado de Outubro de 1917 seu inimigo maior. O capítulo traz a história de uma derrota de práticas institucionais de novo tipo, organizadas pelos operários e camponeses, e a história do triunfo do Capitalismo de Estado bolchevique em processo iniciado em Outubro com Lênin e estruturado definitivamente por Stálin, que foi a expressão ideológico-institucional mais coerente da revolução capitalista bolchevique. Neste capítulo há personagens em circunstância descritiva (escritores e personagens

literários) usados por mim para documentar a processualidade factual junto ao recorte geral do livro (1917-1938).

Parabenizo os cinco jovens pesquisadores por terem aceitado o desafio de escrever comigo sobre temática tão difícil e – para alguns mais, para outros menos – distante de suas pesquisas de doutoramento. O resultado está aqui, o desafio foi cumprido, e desejo a todos os leitores uma ótima leitura, porque é certo que encontrarão nestas páginas um excelente livro.

Referência

CHAMBERLAIN, Lesley. *A guerra particular de Lênin: a deportação da intelectualidade russa pelo governo bolchevique*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

¹ BERNARDO, João. Propostas para uma metodologia da História. *História Revista*, Goiânia: UFG, v. 11, n. 2, jul.-dez. 2006, p. 197.



* **JOÃO ALBERTO DA COSTA PINTO** é Doutor em História Contemporânea pela Universidade Federal Fluminense (2005). Professor na Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4246394797193440>

² Agentes da TCHEKA, instituição da polícia política bolchevique criada em dezembro de

1917 com funções de explícita repressão. Outras informações sobre a TCHEKA são apresentadas no capítulo seis.

³ O livro de Chamberlain (2008), apesar do seu tom fortemente reacionário com a Revolução bolchevique, expressão ideológica de um “anticomunismo” anacrônico, documenta e descreve muito bem o périplo de dezenas de personagens do campo conservador russo que sofreram imediatas sanções policiais da TCHEKA como parte da ação do governo bolchevique contra seus opositores de primeira hora.